

A obra de Daniel Bensaïd é um tesouro: entrevista com Michael Löwy

*Daniel Bensaïd's work is a treasure: an interview
with Michael Löwy*

Pedro Gava*

Daniel Bensaïd (1946-2010) foi militante comunista e um dos mais importantes pensadores marxistas da França. Professor de Filosofia na Universidade Paris 8 (Vincennes – Saint-Denis), deixou uma grande e diversificada contribuição para o marxismo. Nesta entrevista, realizada em janeiro de 2025 por ocasião dos 15 anos desde a morte de Bensaïd, o sociólogo franco-brasileiro Michael Löwy, comenta sobre o legado intelectual e político de seu antigo companheiro e amigo.

Pedro Gava: Para começar, o senhor poderia comentar sobre como e quando entrou em contato com Daniel Bensaïd? De que maneira descreveria sua relação com ele?

Michael Löwy: Quando cheguei na França, em 1969, logo ouvi falar do Daniel Bensaïd. Já tinha ouvido falar dele antes, como uma das figuras marcantes do Maio de 68. Então, eu já tinha muita admiração por ele. Mas também tinha alguns desacordos.

No começo dos anos 1970, ele publicou um artigo com outro amigo meu, Sami Naïr, que também era muito próximo, criticando a Rosa Luxemburgo.¹ E eu sempre fui, desde que comecei a militar, nos anos 1950, um marxista de tendência luxemburguista, apoiador da Rosa Luxemburgo, de modo que não gostei desse artigo.

Mas, para mim, o importante era que o Bensaïd representava Maio de 68. Eu sabia que ele era, obviamente, um dos dirigentes da Liga [Comunista]. Não cheguei a ter uma relação mais próxima com ele durante esse período. Eu acompanhava as atividades, ouvia ele falar... Sempre me impressionava como ótimo orador.

A partir dos anos 1980 nos aproximamos mais por conta do Brasil. Nós dois viemos ao Brasil, nos encontramos no país e partilhamos a experiência do PT e da Democracia Socialista [tendência interna do PT desde os anos 1980]. Há então uma aproximação em função do Brasil. E, em certa medida, também da Argentina e da América Latina de maneira mais geral. Isso nos aproximou, pessoal e politicamente.

* Bacharel e licenciado em filosofia pela USP. Mestrando em sociologia pela Unicamp. Membro do grupo de pesquisa Intelectuais, cultura e política: passado e presente (IFCH/Unicamp). A presente entrevista foi realizada com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo n°: 2023/03247-9.

¹ O artigo era “A propósito da questão da organização: Lênin e Rosa Luxemburgo”, publicado na revista *Partisans*, n. 45 (dez.1968-jan.1969). Comparando-o com a dissertação de mestrado de Bensaïd, é possível identificar que ela constituiu a base fundamental do artigo publicado na revista. Ver Bensaïd (1968) e Bensaïd e Naïr (1969). Salvo indicação em contrário, todas as notas dessa entrevista são de responsabilidade do entrevistador.

Depois, um pouco mais tarde, já no final dos anos 1980, nos aproximamos mais em função de Walter Benjamin. Nós dois nos entusiasmos pelo filósofo alemão. Eu escrevi um ou dois artigos e também um capítulo sobre Benjamin em um livro meu sobre o judaísmo libertário. Eu sabia que o Bensaïd também tinha um interesse muito grande pelo Benjamin. Conversamos e eu lhe propus: que tal escrevermos um artigo conjunto sobre o Benjamin? Ele me respondeu: por que não um livro conjunto? Então eu disse: é... quem sabe um livro conjunto, mas precisamos ver se estamos mesmo de acordo...

E ele acabou escrevendo o livro dele, que é realmente um livro bem interessante e estimulante.² Alguns anos depois, publiquei o meu. Mas esse interesse por Walter Benjamin nos aproximou bastante. A partir de então, começamos a nos ver com mais frequência, dialogar e chegamos a escrever um artigo juntos sobre Auguste Blanqui, que era um outro autor que gostávamos muito.³ Eu propus, ele aceitou e então fizemos esse artigo. Digamos que isso resume, em linhas gerais, o percurso da minha relação com ele. Mas, desde o começo, realmente, eu tinha muita admiração por ele e pelo papel que ele teve em 1968.

Tanto que, quando nasceu meu segundo filho, em 1975, eu o chamei de Daniel. Para mim, era uma homenagem a um revolucionário cubano, cujo pseudônimo era Daniel,⁴ e também ao Daniel Bensaïd. E isso apesar do desacordo sobre Rosa Luxemburgo e um ou outro conflito interno na Liga Comunista – às vezes não estávamos na mesma tendência –, pois essas questões, para mim, não eram fundamentais. Eu via o Bensaïd, fundamentalmente, como uma figura revolucionária muito importante.

Uma outra questão é que, a partir de 1989, ele começa a escrever uma série de livros de um caráter novo. Até então ele escrevia textos de conjuntura, de polêmica e de discussão estratégica de uma perspectiva leninista. Aliás, o leninismo era um ponto em que não tínhamos a mesma visão. Como eu era luxemburguista, tinha bastante críticas a Lênin. Mas a partir de 1989-1990 ele começa a escrever uma série de livros que, para mim, são muito importantes e estão entre os textos marxistas mais relevantes dessa época.⁵

Ali ele realmente vai se revelar uma outra figura. Além do militante revolucionário, do estrategista revolucionário, do grande dirigente de Maio de 68, vai aparecer a figura do intelectual de alta qualidade, renovador do marxismo revolucionário, se referindo não só a Marx, Lênin e Trótski, mas a Charles Péguy, Auguste Blanqui... Enfim, com uma visão muito mais rica e ampla do pensamento revolucionário e com uma série de contribuições muito inovadoras.

A partir desse momento, nossa relação passa a ser também uma relação intelectual. Eu escrevo resenhas dos seus livros, nos encontramos para discutir os livros... Enfim, esse novo período nos aproximou bastante.

² O livro em questão foi *Walter Benjamin, sentinela messiânica* (Bensaïd, 1990).

³ “Auguste Blanqui, comunista herege”. Publicado originalmente em francês no ano de 2006, sua tradução ao português pode ser encontrada no livro *Centelhas*. Ver Bensaïd e Löwy (2017).

⁴ Tratava-se de René Gilberto Ramos Latour, que foi membro do *Movimiento 26 de Julio*.

⁵ O primeiro destes livros foi *Eu, a Revolução*, publicado no bicentenário da revolução francesa, justamente para intervir no debate polêmico em torno do legado deste acontecimento. Ver Bensaïd (1989).

Pedro Gava: Dado o conjunto da produção teórica de Daniel Bensaïd, qual é a contribuição que o senhor considera mais relevante para o marxismo? Que aspectos do seu pensamento são mais interessantes?

Michael Löwy: É difícil selecionar, pois são muitas contribuições. Em seu livro *Marx, l'intempestif* [*Marx, o intempestivo*], por exemplo, ele faz uma leitura inovadora de Marx.⁶ Como eu disse antes, ele traz para a discussão do marxismo uma série de pensadores que não são tradicionalmente considerados. Ele escreve até um livro sobre Joana D'Arc, que é genial, magnífico.⁷ E ela não faz parte do repertório do trotskismo.

Então, posso dizer que ele é realmente um grande inovador, sem fazer aqui um levantamento de todas as suas contribuições, porque são muitas e em sentidos bastante diferentes. Mas todas elas contam sempre com esse horizonte revolucionário e marxista. E leninista, no caso dele.

Dentro desse horizonte, ele amplia, enriquece e inova muito a reflexão. Pessoalmente, o livro dele que mais me impactou, e que é o meu preferido, foi o *Le pari mélancolique* [*A aposta melancólica*].⁸ Nele há uma ideia que considero fundamental e que, na verdade, eu já havia sugerido em um ensaio, mas sem desenvolvê-la. É ele que vai desenvolver isso. Ele se apropria da ideia da aposta, que é originalmente uma ideia de Blaise Pascal, um pensador cristão do século XIX. Pascal dizia o seguinte: essa ideia de que podemos provar a existência de Deus pela razão ou pela ciência, isso não existe. Deus sumiu. Faz alguns milhares de anos que ele não se manifesta mais. Ele está escondido. Então, não podemos saber se Deus existe ou não. Só podemos apostar. E a aposta é parte da condição humana. O ser humano tem que apostar. Ou aposta que Deus existe, ou aposta que Ele não existe. Não se pode escapar da aposta. “Estamos todos embarcados”, diz o Pascal, então temos de apostar. Em função dessa aposta, vamos orientar nossa vida em um sentido ou no outro. Se achamos que Deus existe, vamos seguir as regras da religião. Se achamos que Ele não existe, vamos por um outro caminho. Então, temos que aprender a trabalhar pelo incerto, diz o Pascal.

Lucien Goldman, que foi meu mestre, utilizou essa ideia no seu livro sobre o “Deus escondido”,⁹ que é um livro sobre Pascal, e disse o seguinte: na verdade, o socialismo também está baseado em uma aposta desse tipo, como Marx já o dizia (embora Marx nunca tenha dito isso)... Não há prova científica de que o futuro será socialista. Então, temos que apostar. E, nessa aposta, engajamos toda a nossa atividade, toda a nossa vida. E temos que estar dispostos a trabalhar pelo incerto, já que não há garantias. Isso foi uma virada fundamental.

É engraçado que eu escrevi até um livro sobre Goldman, com o meu amigo Sami Naïr, e não demos muito peso a essa ideia da aposta.¹⁰ Passamos ao lado. Mencionamos, mas sem dar muito peso. Retrospectivamente, eu penso que era uma ideia fundamental. E Bensaïd pega essa ideia do Pascal e do Goldman e desenvolve isso nesse livro, onde ele coloca a aposta em um lugar central. Ele explica que essa ideia de que o socialismo está garantido pelas “leis da história” ou pelas contradições econômicas do capitalismo é uma

⁶ Esse livro foi publicado em 1995, ano em que também se publicou *A discordância dos tempos*. Ver Bensaïd (1995a; 1995b).

⁷ Trata-se de *Joana, cansada da guerra*. Ver Bensaïd (1991).

⁸ Ver Bensaïd (1997).

⁹ Ver Goldman (1959).

¹⁰ Trata-se do livro *Lucien Goldman ou a dialética da totalidade*. Ver Löwy e Naïr (1973).

ilusão. Então, temos que apostar, como diziam Pascal e Goldmann. Temos que apostar e estar dispostos a trabalhar pelo incerto, sem garantias. Esse é um engajamento no qual nos colocamos em toda a nossa vida.

Mas por que se trata de uma aposta melancólica? Porque fomos derrotados muitas vezes, nossos grandes heróis foram todos assassinados – Rosa Luxemburgo, Leon Trótski, Che Guevara – e quando tivemos uma vitória, que foi a Revolução Russa, ela se transformou no stalinismo... Então, é daí que vem a melancolia. Como dizia o Bensaïd, tivemos mais manhãs de derrota do que noites de vitória revolucionária. Mas conquistamos o direito de recomeçar. Essa era a ideia: fomos derrotados, mas vamos recomeçar.

Então, esse livro, para mim, é fundamental. Sobretudo em uma época como a nossa, que é de regressão, de desespero e de ascensão do fascismo. Voltar a ler o Bensaïd, e esse livro em particular (*A aposta melancólica*), é muito bom. Realmente dá uma energia e fornece um fio de prumo, uma orientação, um horizonte.

E ele nunca abandona a ideia revolucionária. Ele também tem uma bela frase que diz: quando você não tem mais o horizonte revolucionário, a política se torna uma coisa insignificante, se torna manobras parlamentares, jogos, compromissos... não existe mais coerência. Ele nunca abandonou esse horizonte revolucionário, mesmo sabendo que as condições não são nada favoráveis e que vamos, provavelmente, sofrer mais algumas derrotas.

Tem outro aspecto que eu gostava nele, inclusive presente nesse livro, mas também em outros, que é a retomada de uma relação com o judaísmo. Como ele era militante antissionista, por muito tempo para ele o judaísmo e a religião eram algo complicado. Mas, através de Walter Benjamin, ele volta a redescobrir o judaísmo.

Dali em diante ele vai se interessar por Benjamin, pela experiência dos marranos, de Spinoza – que é um descendente de marranos, isto é, judeus espanhóis que eram obrigados a se esconder para praticar o judaísmo. E se interessa também pelo conceito bíblico de profeta, sobre o que ele diz algo muito interessante. O profeta bíblico, contrariamente ao oráculo grego, não prevê o futuro. Suas previsões são condicionais: “se não retornarmos aos princípios sagrados... então vamos sofrer mil catástrofes”, “se não respeitarmos os mandamentos... então vamos ser destruídos”. São sempre previsões condicionais. Sempre existe a possibilidade de se evitar a catástrofe.

Então, as nossas previsões como marxistas não são do tipo: irá acontecer isso, o capitalismo vai acabar etc. Elas são condicionais. Quer dizer, se não conseguirmos desenvolver um processo revolucionário, o fascismo vai triunfar, ou a crise ecológica vai ser uma catástrofe etc. Isso me parece também uma ideia muito importante. Evita tanto o fatalismo otimista como o fatalismo pessimista, tanto a ideia de que inevitavelmente vamos ganhar como a de que inevitavelmente vamos perder. Então, ele acreditava nessa forma de previsão do profeta bíblico, que é sempre condicional.

Pedro Gava: O que é, no limite, uma convocação para a ação, um chamado para se transformar a realidade.

Michael Löwy: Exatamente.

Pedro Gava: Para complementar, você poderia comentar um pouco sobre o que se passava na vida do senhor para que essa obra tenha tido um impacto tão grande? Naturalmente há a conjuntura daquela época, fim dos anos 1990, após a queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética e o sentido de repensar a política revolucionária em termos de uma aposta diante desse contexto. Mas o que mais havia, além disso?

Michael Löwy: Há dois aspectos. Um é efetivamente a conjuntura, que era ruim, ainda que não tão ruim como agora. O outro era que se tratava de ideias que eu conhecia, porque fui aluno do Goldmann e tinha escrito um livro e mesmo um artigo sobre ele no qual eu discutia a questão da aposta, mas sem desenvolvê-la. Então, isso me tocou imediatamente, por ser algo que eu conhecia e que eu já tinha, de alguma maneira, observado, mas não desenvolvido. Por isso minha identificação com essa formulação.

Pedro Gava: Qual é o papel da América Latina e do Brasil na trajetória e, sobretudo, no pensamento político de Daniel Bensaïd? Em que medida podemos dizer que a experiência de construção do Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil, que ele acompanhou, inspirou suas reflexões?

Michael Löwy: É difícil responder a essa pergunta. Seria preciso fazer uma pesquisa para analisar isso. Não é algo evidente. Em relação ao pensamento teórico dele, marxista, não vejo muita relação.

Já em relação ao pensamento estratégico e tático, questões de estratégia política e de construção de partido, sim – mas apenas até certo ponto, pois a situação na França não era a mesma do Brasil. Por exemplo, havia a ideia de que podemos participar como corrente revolucionária em um partido mais amplo. A partir da experiência do PT, essa ideia começou a ganhar espaço na Quarta Internacional. Mas ganhou mais espaço na Quarta Internacional do que na própria Liga.

Penso que isso são questões que ele integrou. Há referências à América Latina em diferentes momentos, mas não vejo que tenha existido uma influência de maneira determinante. Mas, posso estar enganado. Seria necessário fazer uma pesquisa a respeito.

Pedro Gava: Justamente, tenho a impressão de que o contato com a experiência do PT contribuiu para que ele ampliasse a reflexão em torno da construção partidária. Durante esse período, ele parece se abrir mais para os diferentes caminhos de construção do partido, o que antes não era tão evidente nos seus escritos. De certo modo, desde então ele parece valorizar mais a dimensão do avanço da consciência e da organização da classe trabalhadora por meio da sua própria experiência. A própria Democracia Socialista (DS), na época, que ele acompanhava, fazia uma discussão que ia nesse sentido.

Michael Löwy: Então, a partir de um certo momento, na Quarta Internacional, aparece a ideia de que os revolucionários podem participar de partidos mais amplos, desde que sejam partidos de luta de classes, anticapitalistas. Essa ideia vai aparecer, salvo engano, nos anos 1990. A experiência brasileira contribuiu para isso, mas não apenas ela. Houve outras experiências.

Isso foi se traduzindo na prática das sessões da Quarta Internacional em alguns países, mas não em todos. Na Itália, com a *Rifondazione Comunista*, depois na Espanha com o *Podemos* etc. Bensaïd acompanhou esse processo. Essa reflexão, efetivamente,

tinha uma de suas referências no Brasil, mas não era a única. De todo modo, isso se interrompeu em 2003, quando alguns militantes da Quarta Internacional foram expulsos do PT e a DS ficou no governo. Desde então houve uma separação.

Há então um período, de meados dos anos 1980 até o fim dos anos 1990, em que o PT serviu de referência, desempenhando um certo papel. Mas apenas até certo ponto, justamente porque se sabia bem das diferenças entre a Europa e a América Latina.

Pedro Gava: Como o senhor apresentaria o papel de Bensaïd no âmbito da Quarta Internacional? O que merece ser destacado em relação a isso?

Michael Löwy: Em um certo momento, acredito que nos anos 1990, após a morte de Ernest Mandel, o Daniel Bensaïd se projetou como o principal teórico e principal pensador da estratégia da Quarta Internacional. Isso foi sendo formulado nos documentos que ele escrevia para a Internacional e que foram aprovados nos congressos. Por exemplo, a ideia de que tínhamos entrado em uma “nova época” e que necessitávamos de um “novo partido”, um novo tipo de partido.

De maneira geral, eu diria que ele se tornou, após a morte de Mandel, o principal teórico da Quarta Internacional. Ele se tornou a referência. Seus escritos, sobretudo os escritos políticos, serviam de referência para os militantes da Quarta Internacional, não só na França, mas em todo o mundo. Por exemplo, como eu disse, a necessidade de pensar um outro tipo de partido, dentro da tradição leninista, em uma nova época em que a URSS já não existe e em que as condições objetivas e subjetivas se transformaram radicalmente. Ele busca pensar essa nova época e que tipo de estratégia e de partido seriam adequados para ela.

Pedro Gava: Como podemos caracterizar a inserção da corrente política de Daniel Bensaïd (Liga Comunista Revolucionária LCR) na vida política e intelectual francesa? Que papel desempenhava nisso a revista teórica da organização (*Critique Communiste*)? E como o senhor avalia a contribuição de Bensaïd nesse terreno?

Michael Löwy: A Liga tem um peso na vida política francesa na medida em que, a partir de um certo momento, se torna a principal organização de extrema-esquerda no país. Portanto, tem um certo peso político, ainda que limitado e não tanto eleitoral.

Há também um peso na vida intelectual, provavelmente maior do que o peso propriamente político, por conta da influência das ideias dos seus pensadores. Figuras como Mandel, Jean-Marie Vincent e, evidentemente, o Daniel Bensaïd. Há um impacto que, portanto, vai além do impacto político. E nossas revistas, em particular a *Critique Communiste*, desempenham um papel nisso. Mas acredito que os escritos dos autores que eu mencionei, incluindo o Mandel que, embora não seja da França, esteve muito presente no país, têm mais impacto do que a revista. Embora ela tenha tido o seu papel, afinal era uma revista de bom nível e era respeitada. Nela eram entrevistadas pessoas que não eram da organização, como o Régis Debray e outros. Ou seja, há uma abertura da revista, ainda que relativamente limitada. Enfim, penso que as obras dos autores tiveram mais impacto, sobretudo as de Bensaïd, a partir de 1979.

É assim que vejo o impacto intelectual da organização. No campo do marxismo, os pensadores da Liga são respeitados, mais até do que os textos do partido, que são

lidos por um pequeno grupo além dos militantes. Os escritos e as obras dos autores são lidos por um público mais amplo.

Então, isso faz parte do panorama do marxismo francês, talvez sobretudo a partir dos anos 1980-90, quando o PCF começa a declinar e sua hegemonia no campo do marxismo desaparece progressivamente, abrindo um espaço maior para o pensamento crítico não- stalinista. É aqui que o pensamento da Liga e dos seus autores tem um impacto maior.

Pedro Gava: Complementando pontualmente a questão anterior, se considerarmos, por exemplo, um livro como *La révolution et le pouvoir* (1976)¹¹, no qual Bensaïd já apresenta uma reflexão política bastante substantiva, como o senhor estimaria o grau de circulação que essa obra teve?

Michael Löwy: Penso que quem se interessou e leu esse livro foi a militância da LCR, uma certa periferia de simpatizantes da Liga e talvez uma periferia um pouco mais ampla da militância política de esquerda. Mas acredito que limitado. Não tenho informações do número de vendas, mas dificilmente passou de alguns milhares.

Pedro Gava: No contexto dos anos 1970 e em meio aos debates suscitados pelo eurocomunismo, um dos interlocutores da LCR e de Daniel Bensaïd foi Nicos Poulantzas, com quem o senhor também conviveu de perto. Como o senhor avalia esse diálogo, nos marcos do esforço de Poulantzas para repensar a questão da estratégia e do papel do Estado na transição para um socialismo democrático? Como reverberou na corrente a entrevista conduzida por Henri Weber com Poulantzas (*Critique Communiste*, n. 16, junho de 1977),¹² centrada nesses temas?

Michael Löwy: O Poulantzas era levado a sério pelos militantes da Liga, não apenas por mim, que até colaborava com ele. O próprio Bensaïd cita ele em alguns momentos, mas polemizando também, com uma perspectiva crítica.

O Poulantzas era próximo de nós, por ser um pensador marxista, rigoroso, que tinha um horizonte revolucionário e que se filiava claramente com o marxismo, até certo ponto com o leninismo, Gramsci etc. Então, ele era uma referência importante. Por outro lado, havia desacordos metodológicos, porque ele era althusseriano. Então, a dialética hegeliana não era bem o seu tema e havia aí desacordos filosóficos e também políticos.

Sua posição política era um pouco estranha, pois, por um lado, ele era próximo do eurocomunismo. Era membro de um partido comunista grego, dissidente, chamado Partido Comunista do Interior, que era uma cisão do PC, ocorrida em 1968 contra a invasão da Tchecoslováquia. Então, digamos que era uma corrente do PC menos stalinista, mas que, no curso dos anos 1970, foi evoluindo para uma posição mais moderada, eurocomunista. E a outra parte do PC continuou sendo stalinista até hoje.

Então, ele era filiado a esse Partido Comunista do Interior, mas por outro lado cultivava uma simpatia pela China comunista, pela Revolução Cultural, Mao Tsé-Tung etc. Ou seja, era algo um pouco contraditório. Mas nos anos 1970 vai predominando essa

¹¹ Ver Bensaïd (1976).

¹² Ver Weber e Poulantzas (1977).

vertente eurocomunista, sobretudo no seu último livro, que para mim é o mais interessante politicamente, sobre o socialismo e o Estado: *O Estado, o poder, o socialismo*.¹³ Nele há aspectos muito interessantes e outros que são uma crítica ao leninismo em um ponto em que ainda sou leninista, assim como o Bensaïd, que é a questão da destruição do Estado burguês. Poulantzas acreditava que isso era um mito e que a revolução não poderia destruir o Estado, pois o Estado inclui a administração, os serviços públicos, o correio, enfim, a gestão, e isso não poderia ser destruído.

Não estávamos de acordo neste ponto, então aí havia discussão e polêmicas, mas era alguém que levávamos a sério. Ele tentava formular uma estratégia que dava mais peso às eleições e ao parlamento do que [davam] a Liga ou Daniel Bensaïd, mas que ao mesmo tempo reconhecia a necessidade de uma mobilização popular, nas ruas, por baixo, etc., e nesse ponto ele se aproximava do que nós dizíamos. Porém a Liga dava muito mais foco a isso do que às eleições e ele procurava combinar os dois. De certa maneira, ele era próximo ao que tinha sido o austro-marxismo nos anos 1920. Então, eu penso que houve um impacto da reflexão de Poulantzas, mas sem chegar ao ponto de influenciar a orientação da Liga.

Pedro Gava: Em minha pesquisa, notei que nesse período o Bensaïd passou a se engajar muito mais no debate sobre a democracia socialista. Por um lado, é claro, ele parece estar acompanhando o movimento da própria Quarta Internacional, que publica em 1977 uma primeira versão do texto TM"Ditadura do proletariado e democracia socialista". Por outro, parece que o embate com o eurocomunismo e, em particular, com as ideias do Poulantzas, tem uma certa relevância para ele. Desse momento em diante, talvez como uma resposta às críticas feitas à noção de ditadura do proletariado, ele busca enfatizar que a conquista do poder pelos trabalhadores não precisa resultar na supressão das eleições livres e chega mesmo a conceber a possibilidade de que o parlamento continue existindo após a revolução, em uma perspectiva transitória. Para resumir, parece que em alguma medida as ideias do Poulantzas estimularam um debate e uma resposta por parte do Bensaïd sobre o tema da democracia socialista, levando-o a um certo refinamento das suas concepções políticas. O senhor identifica esse impacto das reflexões do Poulantzas?

Michael Löwy: É uma hipótese. Teria de fazer uma pesquisa mais profunda para verificar. Mas é uma hipótese razoável. Entretanto, eu penso que o elemento decisivo para uma certa inflexão do Bensaïd sobre a democracia foi o texto do Mandel e da Quarta Internacional.¹⁴ Esse texto marcou uma época. Foi uma virada histórica e foi fundamental. Mas é possível que a discussão com o Poulantzas também tenha contribuído para isso.

Pedro Gava: Quais são as principais lições que os escritos de Daniel Bensaïd deixam para as novas gerações de militantes hoje?

Michael Löwy: Eu penso que a primeira lição que envolve a vida e a obra de Daniel Bensaïd é que é possível ser ao mesmo tempo um militante revolucionário e um intelectual marxista. Quer dizer, não são duas coisas contraditórias. É legítimo criticar os

¹³ Ver Poulantzas (1978).

¹⁴ Ver Mandel (1977).

militantes que fazem um ativismo desenfreado, mas não leem, não estudam, não refletem, não escrevem... Isso é um erro. Mas também o intelectual que escreve e pensa, mas não milita, não tem nenhuma atividade política.

Quer dizer, o marxismo é a unidade inseparável da teoria e da prática. Em algum momento da sua vida você pode dar mais ênfase a uma do que à outra, mas a unidade entre as duas é fundamental para o marxismo. E o Bensaïd é um belo exemplo disso. E também raro, porque a maioria dos intelectuais de esquerda não militam e muitos dos militantes não param para ler, o que é uma pena. Então essa é uma primeira lição: você pode ser alguém que pensa, lê, discute e que também milita. Não há contradição entre teoria e prática. Pelo contrário, há essa unidade dialética inseparável.

A outra lição é que o marxismo é um pensamento em movimento. Quer dizer, não basta apenas citar Marx, Lênin, Trótski e ponto. Eles disseram muito, mas nós temos que enfrentar problemas novos que não eram previstos por eles. Daí, por exemplo, o “ecocomunismo” de Bensaïd, que não está nem em Marx, nem em Lênin. Então o marxismo é um pensamento em movimento. Inclusive, a obra de Marx é uma obra em movimento. O que ele escrevia no *Manifesto do partido comunista* e em *O capital* já é diferente. E assim por diante. Seus escritos sobre a Rússia representam uma outra virada muito importante.

Então, o pensamento de Marx já era um pensamento em movimento e o marxismo é um pensamento em movimento, de modo que Lênin e Trótski acrescentam aspectos que não estão em Marx, assim como Rosa Luxemburgo. Depois vieram outros, como Ernest Mandel, por exemplo. E o Bensaïd é parte desse processo, sua obra também tem esse movimento. Por exemplo, comparando os escritos dos anos 1970 com aqueles que vêm depois, se vê um outro tipo de reflexão. Então, essas são duas lições importantes.

A terceira lição importante é que o marxismo é um pensamento aberto. O marxista tem de estar disposto a ler e discutir obras de autores que não têm nada a ver com o marxismo. Podem até ser antimarxistas, ou ao menos não marxistas. É preciso aprender a ler esses autores, criticar, mas ser capaz de integrar o que for possível das contribuições desses pensadores. Charles Péguy é um exemplo, que eu inclusive compartilho com Bensaïd. Ele era um pensador mais próximo do anarquismo na juventude e que depois se converte ao catolicismo. Então, estava muito longe do marxismo. Mas é um pensador extraordinário para pensar o que é o capitalismo, a modernidade capitalista e o socialismo. Era um grande autor e os revolucionários marxistas têm muito a aprender com ele, como dizia Bensaïd. Isso vale também para outros autores, como Auguste Blanqui, que os marxistas descartam como se fosse apenas uma figura que queria dar um golpe com duzentos revolucionários. Mas Blanqui era muito mais do que isso, era um grande pensador revolucionário, ainda que não fosse marxista.

Então, essa é outra lição. O marxismo é um pensamento aberto. É preciso estar disposto a ler até a Bíblia. O Bensaïd lia a Bíblia, apesar de ser antirreligioso, e descobria ali coisas interessantes. Essa abertura do Bensaïd é um belo exemplo.

Outra lição que considero importante é a sua coerência. Por mais que o percurso dele vá mudando, enriquecendo o seu pensamento e se abrindo, há uma coerência do começo ao fim, de 1966, quando começa a militar na Juventude Comunista Revoluci-

onária, até a sua morte, ele nunca abandonou o fio de prumo, nunca abandonou a bússola, sempre apontando para o norte: a revolução, de uma perspectiva marxista. Isso também é importante, contrariamente a outros que dão suas voltas para lá e para cá, alguns virando social- democratas, outros abandonando qualquer atividade política...

Pedro Gava: Por fim, como amigo, companheiro de militância e parceiro intelectual, de que maneira a obra de Bensaïd contribuiu para as suas próprias reflexões?

Michael Löwy: Ele me ajudou a repensar coisas que eu já havia começado a pensar, mas a sua obra me ajudou muito a aprofundar essas questões. Isso vale para Walter Benjamin. Eu já havia começado a trabalhar sobre Walter Benjamin antes, mas seu livro sobre Benjamin contribuiu muito para enriquecer a minha reflexão. O mesmo pode ser dito sobre a questão da aposta. Eram pontos sobre os quais eu já possuía alguma leitura, mas a obra dele me ajudou a aprofundar muito. E assim por diante, sobre outras mil coisas, enfim, sobre Marx, sobre a teoria da revolução etc. A obra de Daniel Bensaïd é um tesouro. Você abre e encontra mil coisas que te ajudam a pensar, que te estimulam e que possuem um valor moral, ético. Lendo Bensaïd você se convence que ser um revolucionário é a única coisa digna como opção para um ser humano. Isso para mim talvez seja a coisa mais importante. Essa mensagem ética da obra dele, que é muito impactante e que, para mim, é fundamental.

Janeiro, 2025

Referências

- BENSAÏD, Daniel. *Le pari mélancolique: métamorphoses de la politique, politique des métamorphoses*. Paris: Fayard, 1997.
- BENSAÏD, Daniel. *La Discordance des temps: essais sur les crises, les classes, l'histoire*. Paris: Les Editions de la Passion, 1995a.
- BENSAÏD, Daniel. *Marx, l'intempestif: grandeurs et misères d'une aventure critique (XIXe- XXe siècles)*. Paris: Fayard, 1995b. [Ed. brasileira: *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.]
- BENSAÏD, Daniel. *Jeanne de guerre lasse: chroniques de ce temps*. Paris: Gallimard, 1991.
- BENSAÏD, Daniel. *Walter Benjamin, sentinelle messianique: à la gauche du possible*. Paris: Plon, 1990.
- BENSAÏD, Daniel. *Moi, la Révolution: remembrances d'une bicentenaire indigne*. Paris: Gallimard, 1989.
- BENSAÏD, Daniel. *La révolution et le pouvoir*. Paris: Stock, 1976.
- BENSAÏD, Daniel. *La notion de crise révolutionnaire chez Lénine*. Dissertação (Mestrado) [Mémoire de maîtrise (Philosophie)]. Université Paris 10 (Nanterre), 1968.

- BENSAÏD, Daniel; NAÏR, Sami. “À propos de la question de l’organisation: Lénine et Rosa Luxemburg”. *Partisans*, n. 45, 1969.
- BENSAÏD, Daniel; LÖWY, Michael. “Auguste Blanqui, comunista herege”. In: LEITE, José Corrêa (org.). *Centelhas: marxismo e revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 13-32.
- GOLDMANN, Lucien. *Le Dieu caché: étude sur la vision tragique dans les pensées de Pascal et dans le théâtre de Racine*. Paris: Gallimard, 1959.
- LÖWY, Michael; NAÏR, Sami. *Lucien Goldmann ou la dialectique de la totalité*. Paris: Seghers, 1973. [Ed. brasileira: *Lucien Goldmann: ou a dialética da totalidade*. São Paulo: Boitempo, 2004.]
- MANDEL, Ernest. “Socialist democracy and the dictatorship of the proletariat”. International Institute for Research and Education, 1977. Disponível em: <<https://iire.org/node/939>>. Acesso em: 31/01/2025.
- POULANTZAS, Nicos. *L’État, le pouvoir, le socialisme*. Paris: PUF, 1978. [Ed. brasileira: *O Estado, o poder, o socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.]
- WEBER, Henri; POULANTZAS, Nicos. “L’État et la transition au socialisme: interview de Nicos Poulantzas par H. Weber”. *Critique Communiste*, n. 16, 1977. [Ed. brasileira: “Entrevista com Nicos Poulantzas: o Estado e a transição ao socialismo”. *Cadernos Cemarx*, n. 12, 2019, p. 189-216.]

Recebido em 13 de maio de 2025

Aprovado em 22 de maio de 2025